

MANUAIS ESCOLARES E CIVILIDADES: SÉRIE DE LEITURA GRADUADA PEDRINHO (DÉCADAS DE 50 A 70 DO SÉCULO XX)¹

Maria Teresa Santos Cunha e Marlene Neves Fernandes
Universidade do Estado de Santa Catarina/UEDESC

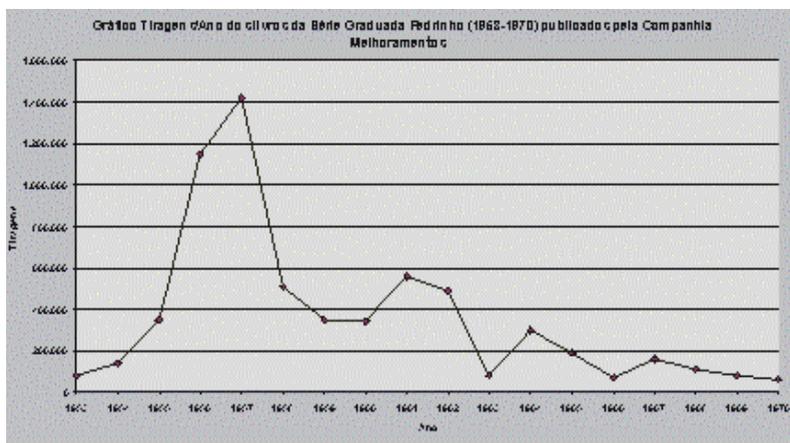
Os livros de leitura foram importantes disseminadores de valores relativos às civilidades e se propunham a preparar as futuras gerações (na escola ou fora dela) para as transformações dos costumes, dos comportamentos e das idéias. Pode-se dizer que eles exerceram um importante papel na formação dos cidadãos republicanos, pois através deles foram produzidos e circularam na educação escolarizada variados conteúdos relativos à moral, ao civismo, à higiene, ao trabalho que construíram a idéia de nação moderna e civilizadora. Tais preceitos estavam associados à idéia de formar um cidadão moderno, responsável pelo engrandecimento da Pátria e pela harmonia dita necessária ao bem estar social, prerrogativas fundamentais da formação ministrada por escola pública que, ao menos teoricamente, advogava a prática do saber sem distinção.

Os textos escolares aqui problematizados para investigação circularam a partir da década de 1950 espraiando-se suas edições até a década de 1970, com o nome de Série de Leitura Graduada Pedrinho – de autoria de Manoel Bergström Lourenço Filho. Estes livros atingiram vendas significativas e, tudo indica que isso fazia parte de uma estratégia editorial que via no livro uma missão educadora. A quantificação das edições pode ser visualizada no levantamento estatístico (Figura 1).

Largamente utilizados nos grupos escolares de Santa Catarina como manual de leitura, as séries graduadas de leitura surgiram quando da institucionalização da escola graduada, os chamados grupos escolares. Chamados de livros de leitura, esta Coleção compunha-se de quatro (4) livros e uma (1) cartilha, todos escritos por Lourenço Filho que mantinha nos volumes a continuidade e o gradativo aprofundamento das lições, conforma o ano ou série a que se destinavam. Tais leituras faziam parte de uma proposta

¹Foi publicado no livro *Cultura Escolar e História das Práticas Pedagógicas*, Editora Universidade Tuiuti do Paraná, ed. 1, 2008.

Figura 1: Gráfico Tiragem/ano dos livros da Série de Leitura Graduada Pedrinho



Fonte: MONARCHA, Carlos, LOURENÇO FILHO, Ruy (2001).

de educação ligada a propósitos civilizadores, unidas tanto pela idéia de construir o *bom cidadão*, como estudioso, obediente, leal e cuidadoso, como principalmente ser base para a construção de um *cidadão industrial, empreendedor e cosmopolita*, em um segundo momento. Concebido como um meio de formação do caráter, além de instrumento de leitura, as séries graduadas ocupam lugar de destaque na função decisiva do ensino. Para este breve estudo, nossa tenção estará centrada no volume I, da série.

SOBRE O AUTOR

Manoel Bergström Lourenço Filho (1897-1970) natural de São Paulo, foi um dos signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação. O Manifesto inspirado nas idéias políticas de igualdade entre os homens e do direito de todos à educação, previa diretrizes da educação nacional e priorizava o ensino público, obrigatório, integral e laico. Grande nome na formação do campo educacional brasileiro, autor de numerosa obra. Em 1922, Lourenço Filho é nomeado Diretor da Instrução Pública do Estado do Ceará, onde implantou na Escola Normal de Fortaleza, procedimentos que sinalizam para mudanças, tais como: o método intuitivo ou lições de coisas, escola modelo, aulas práticas, medição de acuidade visual, dentre outros, e ainda funda um pequeno laboratório de

psicologia. Tais mudanças afinavam-se com propostas educacionais universalistas baseadas nos ideais da revolução francesa e se inspiravam nas idéias políticas de igualdade entre os homens e do direito de todos à educação. A apropriação desses ideais no Brasil, resultou no Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, que previa diretrizes da educação nacional e priorizava o ensino público, obrigatório, integral e laico:

A chamada Escola Nova foi um movimento que utilizou os novos conhecimentos da psicologia para procurar adequar a educação aos talentos e interesses de cada criança como indivíduo, além de quere dar aos trabalhos das escolas uma nova conceituação sociológica.²

Ocupante de variados cargos ligados a área educacional, autor de obras conceituadas, o autor ocupava posição de prestígio no campo educacional brasileiro³. No início da década de 1950, com a carreira consolidada, Lourenço Filho amplia o raio de sua atuação através da produção de manuais escolares - *Série de Leitura Graduada Pedrinho* - uma preocupação que havia sido iniciada já em 1928 com a publicação da *Cartilha do Povo*, que era destinada a alfabetização de crianças e adultos.

CIVILIDADES NA SÉRIE DE LEITURA GRADUADA PEDRINHO: LIVRO I

Na *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, Lourenço Filho enfatizava, inicialmente, “os métodos de leitura e com o intuito de criar ou reforçar no aluno o gosto de ler, ou a necessidade de ler” (Lourenço Filho, 1964, c.c.), segundo discorre o próprio autor na contracapa do primeiro livro da *Série*. Ao longo dos livros, condutas pessoais são reforçadas, entretanto os protocolos de civilidade parecem centrar-se na apresentação modelos de comportamento necessários a um cidadão urbano e cosmopolita, com maior utilização de termos como *industrioso*, *produtivo* e *empreendedor*, ao que tudo indica necessários ao processo de desenvolvimento urbano

2 Segundo Laurence Hallewell, IN: MONARCHA, Carlos (org.). Lourenço Filho: outros aspectos, mesma obra. Campinas: Mercado das Letras, 1997, p. 7/8.

3 Ver MONARCHA, Carlos, LOURENÇO FILHO, Ruy. Por Lourenço Filho: uma biobibliografia. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2001.

(capitalista e cosmopolita) que se instaurava a partir da década de 1950. Nas leituras, a formação laica era afirmada constantemente, propósito compatível, aliás, com o ideário da Escola Nova, tão cara ao autor. Os livros dessa Série foram todos editados, pela Companhia Melhoramentos, de São Paulo, de propriedade dos irmãos Weiszflog⁴, da qual o autor foi um dos diretores.

Na década de 1950, mais precisamente em 1953, Lourenço Filho inicia a publicação da Série de Leitura Graduada Pedrinho composta por cinco livros e seus respectivos Guias do Mestre, a saber: Pedrinho - livro I, primeira edição em janeiro de 1953; Pedrinho e seus amigos - livro II, primeira edição em janeiro de 1954; Aventuras de Pedrinho - livro III, primeira edição em janeiro de 1955; Leituras de Pedrinho e Maria Clara - livro IV, primeira edição em 1956 e Pedrinho e o mundo - livro V, esse apesar do autor e da Editora sempre mencionarem nas propagandas e descrições da Série, parece não ter sido publicado. A Série conta, ainda, com a publicação da cartilha *Upa, Cavalinho!*, primeira edição em 1957. Destinada ao ensino da leitura e da escrita, na fase inicial às crianças das escolas brasileiras e, segundo Mortatti (2000), a Série é saudada como esforço de renovação e marco de uma nova fase na história do livro de leitura brasileiro, alcançando tiragens de mais de dois (2) milhões de exemplares entre 1953 e 1970. Segundo o próprio autor, o mérito da série era “estimular o desejo de ler, e de ler com compreensão, de forma produtiva. É a primeira série de leitura escolar a cuidar dos problemas das relações humanas no lar, na escola, na vida social” (LOURENÇO FILHO, 1955, c.c.), encontra-se escrito na contracapa do Livro I.

Entre as décadas de 1950 a 1970, estes livros de leitura foram utilizados nos grupos escolares em Santa Catarina e pode-se pensar em um desejo de normatizar comportamentos, internalizar regras e preceitos para a formação do *bom cidadão* bem como contribuir para a formação do caráter cívico em um período em que a vida nas cidades se firmava, onde se definiam regras para o controle e contenção de sentimentos e ações, produzindo uma certa experiência

4 Fundada em 1890, a Companhia Melhoramentos mantinha vínculos com professores da Escola Normal Caetano de Campos como Lourenço Filho, por exemplo, que foi convidado a orientar diferentes coleções que a Melhoramentos publicou dedicadas à ficção para crianças, obras escolares e textos sobre educação, inclusive os seus próprios. A Companhia Melhoramentos abrigava uma parte dos chamados escolanovistas, como o próprio Lourenço Filho, em concorrência com a Companhia Editora Nacional.

do que é ser civilizado, polido, educado. Estudar os textos de leitura propostos nos livros escolares justifica-se para tentar compreender o repertório de vivências/civilidades de cada uma dessas épocas que permitam apreender mudanças e permanências nos protocolos de civilidade que se constituíram em diferentes temporalidades. Segundo Chopin (2002, p. 14), os manuais são “depositários de um conteúdo educativo, e têm o papel de transmitir às jovens gerações os saberes, as habilidades, (mesmo o saber “ser”) os quais, em uma dada área e a um dado momento, são julgados indispensáveis à sociedade para perpetuar-se”.

Através da análise desses textos escolares (livros didáticos), objetiva-se perceber um processo de codificação de regras e padrões desejados, informado por diferentes saberes e discursos que cumpriam um dos objetivos a alcançar para a educação escolar. Matéria de longos tratados, sempre enunciada à maneira do *dever ser*, encarnada em dizeres e regras, os *protocolos de civilidade* podem ser considerados como formas de racionalização do cotidiano e se confundem com a repressão dos sentimentos que, num estágio de *civilização*, propicia o “abrandamento das pulsões”(ELIAS, 1993), que se tornam socialmente aceitáveis apenas se reprimidas, motivação perseguida pela instituição escolar. Norbert Elias considera que o padrão de comportamento de cada período na história está determinado por valores particulares e estruturas sócio-políticas que se expressam em seus códigos de boas maneiras e alerta que, hoje, “são tão fortes a censura e a pressão da vida social que formam os hábitos, que para o jovem há apenas uma alternativa: ou submeter-se à forma de comportamento exigida pela sociedade ou ficar excluído da sociedade bem educada” (ELIAS, 1993, p.183).

Considerada distintiva a civilidade é, entendida aqui como uma experiência construída historicamente ao longo do tempo, não como uma coisa *natural*. (STEPHANOU, 2004). Ela ordena a vida em sociedade, em um conjunto de conselhos e é trabalhada aqui na perspectiva de “anunciada como modo de *dever ser*, que visa transformar em esquemas incorporados, reguladores, automáticos e não expressos das condutas, as disciplinas e censuras que ela enumera e unifica numa mesma categoria” (CHARTIER, 2004, p.48).

O termo civilidade também aparece definido no Pequeno Manual de Civilidade (1932) como:

(...) o conhecimento e a prática das regras do bom trato que os homens devem observar, nas relações da vida doméstica e social. Consiste essencialmente em nada fazer e nada dizer que desagrade aos outros homens; pelo contrário, a civildade move o homem a testemunhar ao seu semelhante o respeito e a estima que lhe são devidos, porque este semelhante é uma criatura racional, inteligente, livre e capaz de praticar a virtude (p.10).

A Série em estudo, para além de seu processo de produção, circulação e uso, procurou de acordo com Batista & Galvão (2003, p. 167 – 168):

Integrar (...) na análise dos conteúdos formativos dos livros, os procedimentos que buscam impor uma leitura dos temas e motivos abordados e que buscam torná-los, de fato, conteúdos formativos, bem como considerar (...) as práticas e apropriações que asseguram a transmissão desses conteúdos ou os modificam e os transformam (...).

Assim, encontra-se na contracapa do livro I, “Pedrinho”, o seu mérito explicitado:

Atente às exigências da evolução psicológica da criança a aos objetivos dos programas de ensino. Estimula o desejo de ler, e de ler com compreensão, de forma produtiva. É a primeira série de leitura escolar a cuidar dos problemas das “relações humanas” no lar, na escola, na vida social. É também a primeira a graduar o vocabulário, as formas de construção e as gravuras, segundo os resultados de pesquisas realizadas com crianças brasileiras. Concorre, por tudo isso, para que o trabalho escolar transcorra num ambiente de verdade, alegria e beleza⁵.

Pedrinho, livro I, era indicado para crianças de 7 (sete) ou 8 (oito) e tinha o intuito de criar ou reforçar no aluno o gosto de ler, ou

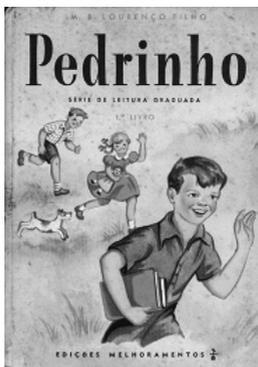
5 LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. Pedrinho. Série de Leitura Graduada Pedrinho, v. 1. São Paulo: Melhoramentos, 1964, s. p.

Manuais escolares... - *Maria Teresa S. Cunha e Marlene Fernandes*
a necessidade de ler. O livro discorre em suas 64 lições (ou histórias), de uma maneira geral, sobre família e escola. Segundo o próprio autor o livro se destinava à:

(...) delicada fase de transição entre o período de aprendizagem inicial, a da cartilha, e o dos primeiros ensaios de leitura corrente, de especial relevância na fixação de hábitos e atitudes, ou disposições favoráveis ou não ao perfeito desenvolvimento do processo. Poderá e deverá êste livro tal seja o nível de maturidade dos alunos e adiantamento alcançado, ser logo utilizado ao fim dos primeiros meses de estudo no primeiro ano escolar, ou então, no primeiro semestre do segundo ano⁶.

Na capa deste primeiro livro da Série (Figura 2), intitulado *Pedrinho* 13^a edição, (1964) há ilustração de 3 (três) crianças e 1 (um) cachorro correndo. São essas crianças: *Pedrinho*, provavelmente usando uniforme escolar, sorri e acena com 2 (dois) livros na mão; sua irmã *Maria Clara*, também sorri e acena com 1 (uma) boneca na mão; e seu irmão menor, *Zézinho* e por fim *Veludo*, o cachorro que os acompanha. Pela expressão feliz dos irmãos na capa do primeiro livro, compreende-se que para o autor estudar é algo prazeroso e ao mesmo tempo divertido.

Figura 2: Capa do livro I: *Pedrinho*. Fonte: Acervo Pessoal.



Na página de rosto (figura 3) há uma nova ilustração, que mostra *Pedrinho* e *Maria Clara* correndo de mãos dadas rumo a

6 Idem, p. 125.

Figura 3: Página de rosto do livro I: Pedrinho. Fonte: Acervo Pessoal.



escola, nesse percurso há árvores, arbustos e flores: a metáfora da escola como uma estrada florida que conduz ao saber e á luz! As descrições importantes presentes na página de rosto são: o nome do autor no alto, o nome do livro, o nome da ilustradora - Maria Boes.

As ilustrações quase sempre mostram os três irmãos: Pedrinho, Maria Clara e Zézinho e estão relacionadas à infância, as brincadeiras, aos brinquedos, a escola, a família, a casa, a cidade, aos animais, a natureza, a história do Brasil, aos meios de transporte, ao patriotismo, ao trabalho, a cenas de leitura, etc.

Ocupando geralmente duas páginas, as histórias são escritas com letra de imprensa de tamanho uniforme, mesmo nos títulos. Estes por sua vez são destacados em negrito e numerados de 1 a 64. Há uma seqüência cumulativa nas histórias, começa com a apresentação do personagem principal: Pedrinho⁷, posteriormente os irmãos: Maria Clara e Zézinho, a família, a casa, o jardim e o quintal da casa, a rua, as profissões, etc, até chegar à última história, que se refere ao país representado pela bandeira e pelo mapa. Enfim, do mais particular ao mais geral.

Ao final de cada história (lição) há atividades para serem feitas, geralmente vinculadas ao texto lido. Nesse íterim, intercalam-se poesias, versos, prosa, músicas. Dessa forma afirma-se o método intuitivo ou lições de coisas, que previa o ensino do simples para o complexo, do particular para o geral, do concreto para o abstrato, da síntese para análise, do conhecido para o desconhecido em que descrições detalhadas dos seres e acontecimentos bem como a

7 O protagonismo da figura de Pedrinho permitirá posteriores incursões em estudos de gênero.

utilização de desenhos/gravuras evidenciavam relação de contigüidade de sentido dos textos. Batista (2002, p. 42) ainda explicita sobre a relevância da Série de Leitura Graduada Pedrinho:

(...) a leitura parece ganhar certa autonomia em relação aos conteúdos dos textos. (...) Essa obra, que trouxe como principal inovação, além da apresentação gráfica cuidadosa, o planejamento do conteúdo e a especificação dos objetivos de ensino por série, marca o surgimento de novos padrões que terminaram por influenciar o conjunto da produção posterior. Os livros trazem exercícios de compreensão de textos, incluindo o estudo do vocabulário, explicações gramaticais, explicitando, em suas diferentes seções, a preocupação com a organização e a sistematização do trabalho didático. Apesar de conter textos com conteúdos informativos e também formativos, a ênfase do livro está num conjunto de habilidades discretas de leitura e não nos conteúdos dos textos.

Na página 30, na lição denominada "A escola de Pedrinho", o autor discorre sobre a importância da escola, do que se aprende lá: *Assim ele vai conhecendo o que é certo e o que é errado, o que é bom e o que é mau, o que deve fazer e o que não deve fazer.* Há nesta lição a ilustração que mostra também a importância da escola e mais que isso a relevância da leitura, pois nela há Pedrinho à frente da sala de aula, boa postura, com o livro aberto, lendo para os colegas que permanecem sentados acompanhando a leitura, com seus livros abertos. No quadro negro escrito: "O Brasil é nossa terra", em consonância com o patriotismo, uma prática constitutiva da civilidade escolar do período.

Na lição 3, intitulada "A casa de Pedrinho", uma descrição de hábitos de higiene, uma civilidade para com o corpo:

A casa do Pedrinho está sempre bem arrumada e limpa. Tão bem arrumada e limpa que faz gosto! A limpeza é necessária. É necessária em nosso corpo, em nossas roupas e em nossa casa. Venha visitar a casa do Pedrinho. Você há de gostar dela, porque ela é bem arrumada e muito limpa. Todos gostam de coisas bem

arrumadas e limpas. Todos, tôda a gente (LOURENÇO FILHO, 1964, p. 10-11).

O texto reforça a importância de manter hábitos de higiene em várias instâncias, além da casa, temos que ter asseio e limpeza no corpo, nas roupas, etc. Esse hábito é reforçado na lição 15: "No caminho da escola", pois Pedrinho observa que algumas pessoas têm mais asseio com suas casas e jardins e outras são desleixadas, sobre as casas ele diz: "Umás estão pintadas de novo, outras já têm a pintura muito gasta. Pedrinho vê alguns jardins. Três ou quatro deles são bem tratados, mas outros estão descuidados" (LOURENÇO FILHO, 1964, p. 32). O quintal, a pintura da casa, o jardim seriam uma extensão da casa, devendo assim estar limpo e arrumado.

Preceitos dessa natureza já circulavam na sociedade desde a década de 1930, como pode ser evidenciado pelo texto do Pequeno Manual de Civilidade (1932) e estão assim explicitados:

O asseio é uma conseqüência natural do respeito de si mesmo e do respeito que devemos ao próximo: é uma prescrição obrigatória da civilidade e da caridade. (p. 23)A higiene começa pelo corpo; depois aplica-se às roupas, e finalmente abrange os modos exteriores da vida, tanto no trabalho como no descanso. (p. 42)

Há lições em que são exacerbadas a disciplina e a hierarquia, onde é possível perceber prescrições a elas relacionadas: "Disciplinado quer dizer que sabe receber e cumprir ordens. Sem disciplina nada anda bem, nem nas casas, nem nas escolas, nem nas fábricas, nem em parte alguma. Devemos saber obedecer para mais tarde saber mandar" (LOURENÇO FILHO, 1964, p. 25).

A representação de trabalho associada ao progresso apresenta traços de uma civilidade compatível ao momento de industrialização/modernização da época e pode ser encontrada, por exemplo, na lição 12, intitulada "A bandeira", que explica nos seguintes termos a frase "ORDEM E PROGRESSO", da nossa bandeira: "Isto quer dizer que todos os brasileiros devem ser ordeiros, disciplinados, e que devem trabalhar e estudar para que o Brasil seja cada vez mais adiantado. Progresso quer dizer vida mais adiantada, vida melhor para todos" (LOURENÇO FILHO, 1964, p. 27).

À GUIA DE CONCLUSÃO

Utensílio de trabalho do professor, material escolar do aluno, livro didático para os editores, produção cultural para o autor, a *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, de autoria do Manoel Bergström Lourenço Filho, indubitavelmente, se impôs na escola pública brasileira desde seu aparecimento em 1953 até a década de 1970, como nos informam suas altas vendagens, perceptíveis pelo número de suas edições.

Ter como autor um nome consagrado no campo educacional como Lourenço Filho, agregava valor à *Série* e a autoridade do autor, aliada a sua trajetória profissional qualificava, sobremaneira, as propostas para a leitura firmando-as como um paradigma, um modelo positivo de identificação para professores e alunos. Ao materializar representações variadas de civilidade, seja em textos de prosa ou em exortações poéticas, a seleção de excertos em conjunto com as imagens que evocavam; tais cenas de civilidade instituíam mais valores ao ato de ler e ao objeto livro de leitura e anunciavam o benefício de êxito escolar ao jovem leitor curioso, uma proposta afinada com os pressupostos da Escola Nova.

Variados exemplos evidenciam preceitos de civilidade expressos pelas leituras que compõem esta *Série* que nos permitiu verificar como a leitura escolar foi uma das formas de socialização da criança, pela construção de um imaginário infantil através de modelos comportamentais desejados/esperados pela sociedade. Com textos escritos em tom agradável e plenos de situações diárias e corriqueiras, alunos e alunas foram formados/as e recebiam regras de bom tom para o convívio social mais civilizado.

REFERÊNCIAS

- BATISTA, Antônio Augusto Gomes e GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Manuais escolares e pesquisa em História*. In: FONSECA, Thais Nívia de Lima e VEIGA, Cynthia Greive (orgs.). *História e Historiografia da Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira e KLINKE, Karina. *Livros escolares de leitura: uma morfologia (1856-1956)*. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro: ANPED, n. 20. maio/jun./

Manuais escolares... - Maria Teresa S. Cunha e Marlene Fernandes

jul./ago. 2002. p. 27-47.

BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. *Lourenço Filho e a alfabetização: um estudo da Cartilha do Povo e da cartilha Upa, cavalinho!*. São Paulo: UNESP, 2006.

CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: UNESP, 2004.

CHOPIN, Alain. *O historiador e o livro*. IN: *História da Educação/ASPHE*, n.11 (abr/2002), Pelotas, Editora da UFPel, 2002.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. Pedrinho. *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, v. I. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

MONARCHA, Carlos, LOURENÇO FILHO, Ruy. *Por Lourenço Filho: uma biobibliografia*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2001.

MONARCHA, Carlos. *Centenário de Lourenço Filho: 1897 – 1997*. Londrina: UEL; Marília: UNESP; Rio de Janeiro: ABE, 1997.

_____. *Lourenço Filho: outros aspectos, mesma obra*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1997.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Os sentidos da alfabetização*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

Pequeno manual de civilidade Para uso da mocidade. Livraria Francisco Alves Paulo de Azevedo & Cia. Rio de Janeiro. Coleção F. T. D., 1932.

STEPHANOU, Maria. *Bom Tom em regras: leituras de civilidade nos séculos XVIII, XIX e XX*. (Mesa Coordenada/Justificativa) V Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação: Igreja, Estado, Sociedade Civil – Instâncias Promotoras de Ensino. Évora/Portugal/ 2004. mimeo.

Recebido em 12/5/2008

Aceito em 15/6/2008